

Agradecimentos

Ao Instituto Politécnico do Porto, em particular à Escola Superior de Educação, pela possibilidade de concretização do Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico.

A todos os Professores das Unidades Curriculares do Mestrado, que contribuíram para a minha formação académica.

À minha orientadora Professora Doutora Susana Lopes, pela sua amizade, compreensão e disponibilidade, desde o início deste trabalho, pela partilha do seu saber.

À minha família, em particular aos meus irmãos pela compreensão e apoio.

Às minhas amigas e colegas de mestrado Ana Marques e Joana Morais pela amizade e companheirismo.

Ao meu restante grupo de amigas Sílvia Alves, Sílvia Mendes, Rosália Carneiro pelo apoio e incentivo, em particular à Francisca Silva.

Resumo

No presente relatório é feita uma análise das estratégias de motivação tendo em conta as Práticas Educativas Supervisionadas desenvolvidas ao longo três ciclos do ensino básico, no âmbito do mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino básico. Desta forma, o tema central “Estratégias de Motivação em Educação Visual- caso 7ºano do ensino básico”, surge a partir da Prática Educativa no 3º ciclo do ensino básico.

Durante o relatório é ainda descrita a passagem pelo 1º e 2º ciclo de ensino, para que se compreenda o caminho até ao 3ºciclo, e a escolha de determinadas estratégias.

Na fundamentação do trabalho são abordados os conceitos como Educação Artística, motivação em sala de aula e ainda estratégias de ensino, no sentido de aprofundar o tema do relatório.

A análise sobre o tema tem um carácter reflexivo, surgiu no decorrer da prática educativa desenvolvida, como necessidade de encontrar estratégias que pudessem levar à motivação dos alunos em sala de aula.

Palavras-Chave: Educação Artística, Estratégias, Motivação, Arte.

Abstract

In this report is made an analysis of motivation strategies based on the Supervised Educational Practices developed over the three cycles of basic education, within the Masters in Teaching Visual and Technological Education in Basic Education. The central theme "Motivation Strategies in Visual Education - 7th year of Basic Education scene" arises from the Educational Practice in the 3rd cycle of basic education. During the report is described the journey through the 1st and 2nd cycle of teaching, in order to understand the way up to the 3rd cycle, and the choice of certain strategies. Subjects and concepts such as Artistic Education, motivation in the classroom and teaching strategies, are discussed in order to deepen the subject of the report. The analysis on the report's subject has a reflective nature, arose in the educational practice developed as the need to find strategies that could lead to student motivation in the classroom.

Keywords: Artistic Education, Strategies, Motivation, Art.

ABREVIATURAS E SIGLAS USADAS

| SIGLA | DESCRIÇÃO |
|--------------|--------------------------------------|
| PES | PRÁTICA EDUCATIVA SUPERVISIONADA |
| EB1 | ESCOLA BÁSICA DO 1ºCCILO |
| EV | EDUCAÇÃO VISUAL |
| ESE | ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO PORTO |

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| 1. Introdução | 15 |
| 2. Contextualização | 17 |
| 2.1. Prática Educativa 1ºciclo | 18 |
| 2.2. Prática Educativa 2ºciclo | 19 |
| 2.3. Prática Educativa 3ºciclo | 20 |
| 3. Pertinência do estudo | 23 |
| 3.1. O porquê da escolha/ justificação da ideia | 23 |
| 3.1.1. Objetivos de Investigação | 24 |
| 3.1.2. Questões de Investigação | 25 |
| 4. Enquadramento teórico | 27 |
| 4.1. Educação Artística | 27 |
| 4.2. Motivação em Sala de Aula | 30 |
| 4.3. Estratégias de Ensino | 33 |
| 5. Metodologias e métodos | 35 |
| 5.1. Quadro Metodológico | 35 |
| 6. Práticas Educativas Supervisionadas | 37 |
| 7. Estratégias de Motivação em Educação Visual- caso 7ºano do Ensino Básico | 41 |
| 7.1. Exercício de diagnóstico | 42 |
| 7.2. Introdução da primeira unidade de trabalho | 43 |
| 7.3. Apresentação e discussão da proposta de trabalho | 44 |
| 7.4. Avaliação como instrumento | 45 |
| 7.5. Apresentação da segunda proposta e trabalho de grupo | 47 |

| | |
|-----------------------------------|----|
| 7.6. Trabalho de Grupo | 48 |
| 7.7. Música no espaço de trabalho | 49 |
| 8. Perspetivas de trabalho futuro | 51 |
| 9. Conclusão | 53 |
| Bibliografia | 57 |
| ÍNDICE DE ANEXOS | 59 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 Interior da sala de Aula do 5ºano da Escola Marques Leitão. | 19 |
| Figura 2 Escola Básica e Secundária do Levante da Maia. | 21 |
| Figura 3 Trabalhos Finais dos Alunos. | 38 |
| Figura 4 Exposição dos trabalhos. | 39 |
| Figura 5 Ilustração de Embalagem. | 45 |
| Figura 6 Desenho a Grafite. | 45 |
| Figura 7 Ilustração. | 47 |

1. INTRODUÇÃO

Este relatório foi realizado no âmbito unidade curricular Relatório Final de Estágio, partindo do trabalho desenvolvido na Prática Educativa Supervisionada [PES]. Ao longo do Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico, a PES foi um espaço onde foram realizadas experiências pedagógicas nos três ciclos do ensino básico. No primeiro ano do mestrado foi realizada a Prática Educativa de Expressão Plástica, no 1º ciclo. No segundo ano do mestrado desenvolveu-se a Prática Educativa no 2º ciclo, em Educação Visual e Educação Tecnológica, no 3º ciclo do ensino básico, em Educação Visual.

As Práticas Educativas foram desenvolvidas em escolas, com contextos socioeconómicos e meios urbanos distintos. É desta forma pertinente que se analise esses mesmos contextos, como Perrenoud afirma, ao longo do tempo as sociedades transformam-se, fazem-se e desfazem-se definindo contextos. Também a escola se insere na sociedade e, por isso, pode evoluir com ela, ou então pode antecipar essa mudança. (Perrenoud, 1999)

A reflexão e a investigação são fundamentais, para que, a escola esteja integrada no contexto que a acolhe.

Por conseguinte, será feita a caracterização das três escolas no que diz respeito ao meio envolvente e às turmas onde se desenvolveram as referidas práticas. Na primeira parte deste trabalho serão ainda apresentadas as motivações que me levaram a inscrever neste mestrado.

É descrita a pertinência do estudo, através da escolha e justificação do tema, dos objetivos e das questões que me levaram à subsequente reflexão.

A escolha do tema abordado, “Estratégias de Motivação em Educação Visual”, nasce da perceção da desmotivação generalizada dos alunos em relação à disciplina de EV. Esta situação levou-me a procurar estratégias que conduzissem a uma maior motivação dos alunos na sala de aula de EV.

É elaborada uma análise sobre alguns conceitos, tendo em conta os objetivos deste relatório. Para a análise de conceitos como educação artística, motivação em sala de aula e ainda estratégias de ensino, recorre-se a uma revisão bibliográfica.

Definidos os objetivos e contextualizado o trabalho, é apresentada a metodologia usada na construção do relatório.

Antecedendo o desenvolvimento do tema, são descritas as atividades desenvolvidas ao longo das três práticas supervisionadas, para que se compreenda o caminho, para a posterior análise das estratégias utilizadas durante a prática desenvolvida, no 3º ciclo do ensino básico.

Neste trabalho procuro justificar a adequação das estratégias usadas, comprovando a sua adequação.

2. CONTEXTUALIZAÇÃO

Desde que ingressei no ensino superior, no ano letivo de 2005/2006, que sempre perspetivei um futuro no ensino da educação artística. Inicialmente candidatei-me ao curso de Professores do Ensino Básico Variante Educação Visual e Tecnológica, o qual, frequentei até ao ano letivo de 2007/2008. No entanto, senti que neste curso, existiam poucas disciplinas de carácter artístico. Como tal, senti a necessidade de encontrar um novo rumo académico.

A oportunidade de mudança surge aquando da abertura do curso, de licenciatura em Artes Visuais e Tecnologias Artísticas.

Este curso proporcionou-me não só uma maior abertura para o mundo das artes, mas também a aquisição de conhecimentos técnico-científicos na área artística.

Esta licenciatura levou-me a experienciar, através de um estágio de iniciação à prática profissional, o ensino não formal, possibilitando-me a aquisição de algumas competências ao nível da conceção, planificação, implementação e gestão de projetos no âmbito da Expressão Plástica e da Educação Artística.

Entenda-se por ensino não formal, o ensino que acontece de forma estruturada, sendo as ações previamente planeadas e organizadas, mas que podem acontecer dentro ou fora da instituição escolar. Não se pretendia a avaliação de conhecimentos, mas antes, o desenvolvimento e aquisição de aprendizagens a nível das Artes Plásticas.

O Mestrado em Ensino de Educação Visual e Tecnológica no Ensino Básico tornou-se uma oportunidade para atingir o meu objetivo inicial, a procura do conhecimento e do desenvolvimento de competências no ensino formal.

A frequência deste mestrado permitiu-me o desenvolvimento de competências na área das Ciências da Educação, Educação Visual e Tecnológica, fundindo-se desta forma, dois tipos de conhecimentos, o científico e o pedagógico.

As práticas educativas supervisionadas desenvolvidas ao longo do mestrado levaram-me a devolver experiências, não só, como professora estagiária, mas também, como professora investigadora, numa atitude reflexiva.

A Prática Educativa Supervisionada pretende proporcionar aos estagiários uma experiência de prática educativa acompanhada e supervisionada por um orientador [ESE] e por um professor cooperante [Escola onde se realiza o estágio] tendo em vista o desenvolvimento do pensamento reflexivo, já que “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. (Freire, 2007)

Por conseguinte, pretende-se fazer uma análise crítica dos contextos das Práticas Educativas [PES] do 1º e 2º ciclos e em especial da Prática Educativa desenvolvida no 3º ciclo. Uma vez que o desenvolvimento das Práticas do 1º e 2º ciclos foram fundamentais para algumas opções estratégicas tomadas no 3º ciclo, contexto que será analisado com mais pormenor e atenção.

2.1. PRÁTICA EDUCATIVA 1º CICLO

A Prática Educativa no 1º ciclo desenvolveu-se na Escola EB1 do Cedro em Vila Nova de Gaia, sendo esta uma escola pública organizada em dois edifícios interligados, por um espaço destinado à cantina e área polivalente e, tem também dois pátios que servem as entradas a Nascente de cada um dos edifícios. A nível socioeconómico a escola encontra-se num meio com realidades distintas, onde contrastam famílias com elevado rendimento e com baixo rendimento.

A sala de aula de área pequena, em comparação e proporção com a totalidade de espaços da escola, tanto exterior como interior. Está equipada com doze mesas para os alunos e vinte e quatro cadeiras, uma mesa para o professor, e tem no seu interior numa das paredes laterais um quadro branco

e um quadro interativo, e ainda um projetor. No interior da sala existem três armários para guardar materiais. A sala tem uma razoável iluminação do exterior. Numa das paredes existe um placard para afixação de trabalhos dos alunos. A sala não possui nenhuma banca com saída de água, facto que teve algum impacto na forma como as sessões se desenrolaram, uma vez que havia a necessidade de fazer deslocações ao exterior para ir buscar água e para lavar materiais.

A turma do 2ºC era constituída por vinte e quatro alunos, treze raparigas e onze rapazes. Todos frequentavam o 2º ano de escolaridade pela primeira vez, à exceção de uma aluna que ficou retida no 2º ano e que foi encaminhada para a Educação Especial a meio do primeiro período.

A turma revelou-se participativa, tendo os alunos demonstrado interesse e envolvimento nas atividades propostas.

2.2. PRÁTICA EDUCATIVA 2º CICLO

A Prática Educativa no 2º ciclo foi desenvolvida na EB2,3 Marques Leitão que pertence ao Agrupamento de Escolas de Valbom, no concelho de Gondomar e distrito do Porto.

A sala de aula (fig.1) de Educação Visual e de Educação Tecnológica, situa-se no primeiro piso. A sala de grandes dimensões e com luz natural, tem quatro janelas para o exterior. Está equipada com vinte e duas mesas e vinte e cinco lugares sentados. Existe também ao dispor dos alunos, mesas/bancadas, para a realização de trabalhos tecnológicos. No interior da sala existe uma mufla, um



Figura 1 Interior da sala de Aula do 5ºano da Escola Marques Leitão.

quadro, um projetor, dois placardes para afixação dos trabalhos e duas bancas com saída de água, o que permite aos alunos realizar a lavagem de materiais dentro da sala de aula. No interior da sala, existem sete armários para que os alunos de diferentes turmas guardem os seus materiais e trabalhos.

Também existe dentro da sala uma arrecadação. A escola não possui material destinado a realização de atividades em Educação Visual e Educação Tecnológica. O material deverá ser solicitado aos alunos, ou arrecadado pelos professores.

A turma era constituída por vinte alunos, dez rapazes e dez raparigas.

A maioria dos alunos frequentava o 5ºano pela primeira vez, à exceção de quatro alunos.

A turma revelou elevado interesse nas propostas de trabalho. Sendo que a maioria dos alunos demonstrava empenho pelas propostas a realizar, mesmo quando terminavam as propostas auxiliavam os colegas na realização das mesmas.

2.3. PRÁTICA EDUCATIVA 3º CICLO

O Agrupamento de Escolas do Levante da Maia abrange estabelecimentos de ensino situados nas freguesias de Folgosa, Milheirós, Nogueira, Silva Escura e São Pedro de Fins.

No que diz respeito aos aspeto Económico, o “Levante” da Maia tem assistido nos últimos anos a uma redução da população ativa, e ao crescimento do desemprego.

A nível social nota-se as transformações que estão associadas à vinda de novos residentes, um modo de vida urbano, ligado a vivências fora do território em questão, contraria o passado assente numa cultura de vizinhança e proximidade.



Figura 2 Escola Básica e Secundária do Levante da Maia.

A Escola Básica e Secundária do Levante da Maia (fig.2) insere-se neste agrupamento, ficando situada em Nogueira de Maia.

No que diz respeito à sala de aula onde decorriam as aulas de Educação Visual, esta tem 29 mesas com 29 lugares sentados ao dispor dos alunos. No interior da sala existe um computador, um retroprojeter, seis armários para guardar o material dos alunos e uma banca com saída de água.

A turma 7^ºB da Escola Básica e Secundária do Levante da Maia era constituída por vinte e nove alunos, onze rapazes e dezanove raparigas.

Relativamente, ao percurso escolar nenhum dos alunos tinha sido alvo de retenções.

Dentro da sala de aula as principais dificuldades dos alunos remetiam-se para a falta de atenção, de concentração, o que se refletia no acompanhamento e ritmo de trabalho.¹ Também se denotava alguma diferença de ritmo de

¹ Projeto Curricular de Turma do 7^ºB. Escola Básica e Secundária do Levante da Maia, ano letivo 2012/2013. Ver Anexo I.

trabalho entre os alunos, alguns concluíam as atividades em aula, outros tinham que terminá-las em casa.

O ponto descrito auxilia a compreensão, não só do meio em que se inserem as escolas, mas o contexto das próprias e das turmas onde se realizaram as três práticas educativas supervisionadas.

3. PERTINÊNCIA DO ESTUDO

3.1. O PORQUÊ DA ESCOLHA/ JUSTIFICAÇÃO DA IDEIA

O ensino poder-se-á definir, como nos refere Altet por um processo interpessoal e intencional. Utiliza fundamentalmente a comunicação verbal, o discurso dialógico, em que todos os intervenientes devem participar, para que desta forma se possa provocar, favorecer e garantir o sucesso da aprendizagem. (Altet, 2000)

Segundo as orientações da prática pedagógica, dos professores orientador e supervisor, para que haja sucesso de aprendizagem o professor poderá adquirir um processo pessoal metódico. Como tal, fazem parte desse processo, os planos de aula, as planificações de unidade e as planificações anuais. A criação destes documentos é fulcral, para que o professor oriente as aprendizagens dos alunos, uma ideia reforçada por Arends quando afirma que “ A planificação do professor é uma determinante muito importante do que é ensinado nas escolas.” (Arends, 2008), reforça a intenção do professor de ter um maior controlo dos acontecimentos em aula. Porém, é importante que estas orientações permitam uma gestão flexível, capazes de se adaptar aos diferentes perfis das turmas e dos diferentes contextos das escolas.

De acordo com as aprendizagens desenvolvidas na unidade curricular Metodologia e Didática da Educação Visual e Tecnológica do 2º e 3º Ciclo do Ensino Básico, na planificação poderão constar os conteúdos e áreas de exploração, as metas curriculares, as estratégias, as atividades a desenvolver, os materiais e recursos, os instrumentos de avaliação e o desenvolvimento da aula. A especificação prévia de cada um destes itens poderá, assegurar o bom desenvolvimento da aula.

A escolha do tema “Estratégias de Motivação”, surge aquando da elaboração das planificações e planos de aula, durante a prática educativa.

A dúvida sobre que estratégias escolher e aplicar nas propostas a desenvolver, durante a prática no 3º ciclo do ensino básico. Estratégias que pudessem levar os alunos a sentir motivação pela disciplina de EV.

As estratégias estariam relacionadas com o modo de apresentação das propostas de trabalho, com a seleção de conteúdos, com os métodos de avaliação utilizados e com a gestão das relações interpessoais.

Selecionar estratégias específicas, para atingir determinados fins revelou-se uma dificuldade a ultrapassar. Procurei, então, através de uma reflexão da prática educativa compreender as causas, ou os fatores que levaram à escolha de determinadas estratégias em detrimento de outras, procurando avaliar a sua eficácia através dos instrumentos utilizados e resultados obtidos.

3.1.1. Objetivos de Investigação

O objetivo fundamental deste trabalho é perceber através, não só da análise documental (fichas de avaliação, comentários dos alunos), mas também da reflexão sobre a prática educativa (reflexões pós-aula, diário de bordo) procurando entender de que forma a escolha das estratégias podem levar, por um lado, à motivação do aluno em aula e por outro a uma melhor compreensão dos conteúdos trabalhados.

Neste trabalho optou-se por abordar estratégias de motivação tendo em conta, não só os fatores internos, fatores que emergem do aluno, mas também os fatores externos, aqueles que se relacionam com o professor, através não só das suas apresentações dos conteúdos, como também da organização do espaço e do trabalho, a criação de recursos pedagógicos e de avaliação.

3.1.2. Questões de Investigação

Durante o desenvolvimento das práticas supervisionadas nos três ciclos do ensino básico, foram selecionadas algumas estratégias, que tiveram como resposta uma maior ou menor motivação dos alunos em aula. Importa perceber o caminho que foi elaborado nos três ciclos, as propostas de trabalho que foram desenvolvidas, sendo que estas levaram à escolha de determinadas estratégias. Tendo sido, analisadas as estratégias no desenvolvimento da prática supervisionada no terceiro ciclo.

Ao construir um plano de aula, pensamos em determinadas estratégias, que poderão ser aplicadas na aula e necessariamente pensamos também na avaliação da sua eficácia.

As estratégias de motivação estiveram relacionadas, com a organização do espaço e do trabalho, em que poderia haver trabalho de grupo e/ou trabalho individual, com o tipo de apresentações e discussões de trabalho, com a relação professor – aluno, entre pares e com o tipo de instrumentos utilizados na avaliação.

Mas, também são mencionadas as estratégias que foram utilizadas durante as aulas, sem que estivessem previamente descritas nos planos de aula. Algumas estratégias surgiram das necessidades impostas durante as aulas.

4. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Será pertinente, procurar esclarecer alguns conceitos que penso serem fundamentais, para a construção e desenvolvimento deste relatório.

Assim, procuro definir quer Estratégias de ensino, quer Motivação à luz do que diz o currículo nacional do ensino básico e dos programas do 1º, 2º e 3º ciclo do ensino básico acerca da educação artística. Esta opção justifica-se, uma vez que, alguns destes são os documentos sobre os quais partem os planos de aula.

Em seguida, apresento uma possível clarificação do que entendemos por motivação em sala de aula, tendo como referencia autores como Sprinthall, N. e Sprinthall, R, Abrunhosa & Leitão, Luís Aguilar e Saul Jesus. E por fim, um descrição sumária sobre o que serão estratégias de ensino, à luz de autores como Maria do Céu Roldão, Rui Vieira e Celina Vieira.

4.1. EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

A educação artística desempenha um papel preponderante dentro do panorama educativo. Ajuda no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. Lega ao aluno ferramentas, para que este desenvolva a imaginação e para que estruture a razão e a emoção. Assim, a educação artística facilita o desenvolvimento da perceção e da imaginação, a apreensão da realidade do meio ambiente, o desenvolvimento da capacidade crítica, permitindo analisar a realidade e desenvolver a criatividade de maneira a poder aferir mudanças nessa mesma realidade. (Barbosa, 2000)

A educação artística poderá influenciar o modo como o aluno aprende, como vê as coisas, como comunica, como interpreta os vários significados do

seu dia-a-dia, contribuindo para o desenvolvimento das diversas competências que vai adquirindo, refletindo-se na forma do processo do seu pensamento.

Assim, a educação artística possibilita que o aluno desenvolva o pensamento crítico e criativo, a capacidade de expressão e comunicação, a apropriação das linguagens elementares das artes, a compreensão das artes no contexto, explorando e interiorizando novos valores induzidos pelas artes e pelas diferentes culturas (Currículo Nacional do Ensino Básico).

No documento orientador Organização Curricular e Programas, 1º ciclo do Ensino Básico, estão delineados os princípios orientadores da ação pedagógica no 1º ciclo.

No primeiro ciclo do Ensino Básico, a expressão e educação plástica deve proporcionar aos alunos a manipulação de diferentes materiais, numa diversidade de propostas de trabalho. Desta forma as crianças desenvolvem as suas capacidades não só de representação do real, mas também o que surge em pensamento, a criatividade. Poderá fazer também parte de um plano desenvolvido para o primeiro ciclo, a expressão livre dos meios de expressão gráfica e plástica, em favor da destreza manual. (Ministério da Educação, 2004)

O programa da disciplina de Educação Visual e Tecnológica para o 2º ciclo do ensino básico, surge como um documento orientador das práticas do professor e trata-se de um documento facilitador do ato de planificar a longo e médio prazo.

São referidos ao longo do programa não só os conteúdos, mas também as áreas de exploração que devem ser abordados ao longo do 2º ciclo do Ensino Básico.

Assim, o alinhamento que segue o programa pretende que as aprendizagens sejam facilitadoras e levem à integração das vivências dos alunos. Entenda-se que, cada aluno possui as suas vivências de acordo com o meio familiar e socioeconómico em que se insere. A gestão do programa, não deverá levar à repetição ou sobreposição de aprendizagens. Poderão ser desenvolvidos projetos que levem à colaboração e articulação com outras disciplinas.

Por conseguinte, a articulação de aprendizagens poderá encarar-se estrategicamente como “...um saber concebido como um todo”², em que estão não só incluídas as aprendizagens que decorrem da observação mas também da ação.

Segundo o programa do 2ºciclo, as unidades de trabalho poder-se-ão desenvolver em trabalhos realizados através do método de resolução de problemas. Este método envolve, a deteção do problema, uma investigação, recolha e tratamento de dados, e posterior planificação, desenvolvimento, realização de uma solução para o problema inicial e posterior avaliação.

Encontra-se ainda mencionado no documento orientador do 2ºciclo “...as estratégias a utilizar compreenderão visitas de estudo, recolha de dados, consulta de documentos, experimentação e exploração, debates, utilização de diapositivos, vídeos, experiência técnica, etc.” (Plano de Organização do Ensino- Aprendizagem)

No programa do 3ºciclo do ensino básico, a Educação Visual é descrita como uma disciplina curricular que relewa a autonomia, e caracteriza-se pela junção da Educação Artística e Estética. Será possível estabelecer esta ligação tendo em conta a educação de perceção visual, da expressão livre e do design. Podemos abordar, analisar e compreender, a nós próprios mas o mundo que nos rodeia.

Poder-se-á também organizar o desenvolvimento de propostas de trabalhos, com outras disciplinas.

Também no programa do 3ºciclo do ensino básico, as propostas de trabalho poder-se-ão desenvolver através do método de resolução de problemas.

As fases de resolução de “... um problema poderão ser consideradas pelo professor estratégias para atingir as finalidades do programa...” (Programa de

² Plano de Organização do Ensino- Aprendizagem. (s.d.). Educação Visual e Tecnológica- 2ºciclo do ensino básico. Portugal: Ministério da Educação e Ciência.

Educação Visual), estabelecendo uma ligação com a vida real, estimulando desta forma o sentido social, discussão de problemas do quotidiano.

A procura de soluções, a exploração de técnicas e materiais levam a uma reflexão sobre os resultados. No decorrer dos projetos os alunos confrontam-se com a tomada de decisões até chegarem à solução escolhida, este é um percurso que a ser valorizado.

Os conteúdos definidos para trabalhar no 3º CEB serão a comunicação, dinâmica e movimento, o espaço, a estrutura, a forma e a luz e cor. No que diz respeito às áreas de exploração vemos mencionadas, a banda desenhada, o desenho, a escultura, a fotografia e vídeo, a gravura e a impressão e a pintura privilegiando a manipulação de instrumentos e materiais.

Com o mesmo sentido, o trabalho de grupo e em autonomia permite canalizar as características individuais para a resolução de um problema comum, facilitando as aprendizagens. O desenvolvimento da autoconfiança quando os objetivos são alcançados através das propostas de trabalho em EV³.

4.2. MOTIVAÇÃO EM SALA DE AULA

Ao falar-se de motivação para a aprendizagem, distingue-se dois conceitos: motivação e incentivo. A motivação é algo que é despertado internamente em cada individuo, sendo que, para que tal aconteça, são necessários estímulos. Consequentemente, a qualidade dos estímulos determinará se os alunos estarão motivados ou não. Os estímulos surgem através de incentivos.

³ Programa de Educação Visual. (s.d.). Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem 3ºciclo do ensino Básico, II. Portugal: Ministério da Educação-Direção Geral dos Ensinos Básico e Secundário.

“No contexto educacional, a motivação dos alunos é um importante desafio com que nos devemos confrontar, pois tem implicações diretas na qualidade do envolvimento do aluno com o processo de ensino e aprendizagem. O aluno motivado procura novos conhecimentos e oportunidades, evidenciando envolvimento com o processo de aprendizagem, participa nas tarefas com entusiasmo e revela disposição para novos desafios.” (Lourenço & Paiva, 2010).

Nesse sentido, “...a aprendizagem é facilitada quando o aluno se empenha no processo, procurando com isso atingir os objetivos a que se propôs.” (Abrunhosa & Leitão, 2003)

Segundo Abrunhosa, existem dois tipos de motivação: a motivação intrínseca e motivação extrínseca. Quando “...o indivíduo aprende pela satisfação que lhe dá a própria aprendizagem (...)” trata-se de motivação intrínseca. “Quando o sujeito aprende porque há uma recompensa externa, a motivação é extrínseca (...)”. (Abrunhosa & Leitão, 2003)

A distinção entre uma forma de motivação e outra, como vimos não é fácil. Mas é fundamental que um professor saiba fazer essa distinção, pelo que tentaremos clarificar um pouco os dois conceitos. A motivação extrínseca será a motivação baseada numa recompensa, ou numa tentativa de evitar um castigo. Motivação intrínseca surge, como já afirmado anteriormente, como uma forma natural de procurar e vencer desafios sendo que não são necessárias recompensas para que um aluno prossiga numa atividade.

O papel do professor será o de dar incentivos aos alunos para que daí surjam os estímulos e estes encontrem a sua motivação para continuar. “ (...) através da motivação, consegue-se que o aluno encontre razões para aprender, para melhorar e para descobrir e rentabilizar competências.” (Lourenço, 2010)

A motivação será assim considerada como fundamental e determinante no êxito da qualidade da aprendizagem escolar. A motivação dos alunos é uma das tarefas constantes de quem ensina. (Aguilar, s.a.)

“O professor deve então tentar criar um estado de motivação para aprender, tornando os alunos produtivamente envolvidos no trabalho da aula.

Posteriormente, deve tentar enraizar nos alunos o traço da motivação para aprender. Finalmente tentar que os alunos reflitam sobre aquilo que aprendem (envolvimento cognitivo).” (Aguilar, s.a.)

A prática pedagógica é essencialmente relacional, isto é, situacional e contextualizada, sendo a falta de motivação de cada aluno um caso específico que será sempre analisado sobre uma forma complexa, indicando o seu desenvolvimento e os fatores que podem contribuir para a situação. Sendo a motivação dos alunos na escola um fenómeno complexo, este exige uma intervenção a vários níveis, e um trabalho de equipa, onde se enquadram professores, políticos, encarregados de educação e/ou pais, e restante comunidade escolar. (Jesus, 1996)

Os pais e professores podem seguir alguns princípios para estimular a motivação intrínseca nas crianças. Primeiramente, proporcionando um ambiente diversificado em casa com experiências em que as crianças vão variando o seu ambiente através das suas ações. Incentivar as crianças a encontrarem, por mérito próprio, soluções, recompensando-as com elogios que valorizem as suas ações (Sprinthall & Sprinthall , 1993, p. 508).

Sprinthall, N. e Sprinthall, R, (1993) reforçam a importância do professor, já que este se encontra numa posição de vantagem, em consonância com os pais relativamente à restante comunidade, porque têm a oportunidade de observar a criança numa série de situações durante várias horas. Podem detetar se existe uma situação de desvio, quando a criança se relaciona com os adultos ou com o grupo de pares.

Sucintamente pode-se dizer que aqueles que defendem e promovem a motivação na pedagogia, através das atividades propostas, auxiliam o aluno querer aprender, de ser ativo no processo de aprendizagem, de se sentir recompensado e motivado pelo próprio processo de aprender (Monteiro & Santos, 2001, p. 84).

4.3. ESTRATÉGIAS DE ENSINO

Pretende-se, neste ponto, definir o conceito de estratégias de ensino.

Vieira e Vieira quando citam Hyman, referem que uma estratégia⁴ é um plano refletido e estruturado, envolvendo uma sequência de passos concebidos para atingir uma determinada meta. Poder-se-á definir uma estratégia de ensino como tendo uma organização ou um arranjo sequencial de atividades ou ações que se desenrolam durante um determinado tempo que tem como finalidade levar os alunos a realizarem determinadas aprendizagens. (Vieira & Vieira, 2005)

As estratégias de ensino poderão definir-se como um conjunto de ações que são utilizadas para favorecer o desenvolvimento de determinadas aprendizagens, tal como afirma Vieira e Vieira quando cita Cruz, 1989 e Heinteschel, 1986. (Vieira & Vieira, 2005)

Estratégia, faz parte do ato de ensinar, por vezes poderá não ser muito claro o seu uso. Identificar que estratégias, por exemplo, poderão levar à motivação do aluno para compreender determinado conteúdo, tal como Roldão exemplifica “...como é que vou conceber e realizar uma linha de atuação (que pode incluir a apresentação do conteúdo, estrategicamente organizada e articulada com outros dispositivos), com que tarefas, com que recursos, com que passos, para conseguir que estes alunos em concreto aprendam o conteúdo que pretendo ensinar?” (Roldão, 2009)

Vieira e Vieira (2005) referem que “...alguns autores classificam as estratégias em dois grupos: centradas no professor, quando este está ativamente envolvido; centradas no aluno, quando o professor tem um papel

⁴ Como assinala Roldão (Roldão, 2009, p. 59) “Importa relembrar que o termo estratégia tem origem na linguagem militar e que o estrategista, chefe militar da antiga Grécia, era responsável pela organização militar no terreno, para o que tinha de evidenciar essa capacidade de conceber a ação na sua globalidade, nas articulações e sequência dos diversos passos, momentos e ações”

mais passivo comparativamente com o papel atribuído ao aluno.” (Vieira & Vieira, 2005)

As estratégias não são atividades ou tarefas, embora se desenvolvam através destas. As atividades é que poderão ser organizadas, através de determinadas estratégias, de acordo com os objetivos que o professor pretende obter.

O professor poderá adquirir um leque de estratégias, mas para que estas se tornem operacionais implica, que haja, adequação destas à ação didática. (Roldão, 2009)

Segundo Vieira e Vieira (2005) a escolha das estratégias de ensino e a sua utilização depende de diversos fatores, como os objetivos, as competências que se pretende que sejam atingidas pelos alunos.

Os autores afirmam, ainda que, as estratégias poderão ser divididas em dois grupos. As estratégias indutivas em que o professor pretende que os alunos observem alguns exemplos, e encontrem dados para a denominação de determinado conceito. No que diz respeito às estratégias dedutivas, o professor apresenta inicialmente o conceito, e dá um exemplo, mas por sua vez pede aos alunos que completem com mais exemplos. (Vieira & Vieira, 2005)

Nesta perspetiva, alguns autores aqui consultados, estabelecem uma definição sobre estratégias de ensino, que as apontam as estas como um meio de regulação das ações desenvolvidas, pelos alunos e professores. A revisão de literatura sobre estratégias de ensino leva a que se enquadre, as estratégias nas ações e no modo como se organizam as atividades desenvolvidas durante a prática supervisionada.

5. METODOLOGIAS E MÉTODOS

5.1. QUADRO METODOLÓGICO

A realização deste trabalho implica não só uma reflexão mas também uma análise, dos métodos de investigação usados para a apoiar.

Um trabalho que implique investigação é inequivocamente exigente. Exige que o investigador exerça logo à partida um ato de reflexão, e uma preocupação com o rigor da sua investigação, levando-o a uma objetivação do seu pensamento (Deshaies, 1997).

Inicialmente foram estudados e caracterizados os locais, meios e turmas, para se compreender em que contexto foram desenvolvidas as práticas educativas. Posteriormente foi feita uma análise teórica sobre estratégias de ensino e uma clarificação do conceito de motivação.

Será feita uma reflexão sobre a prática tendo em conta as vivências e experiências, em triangulação com os pressupostos teóricos analisados e a temática escolhida. Uma análise das estratégias de ensino usadas e resultados obtidos, em resultado da motivação dos alunos, no 3º ciclo do ensino básico.

Foram vários os instrumentos que serviram para recolha e tratamento de dados.

Para recolher dados foram usados como instrumentos, como as folhas de avaliação em que são analisados os comentários realizados pelos alunos. Nos planos de aula, em que estão mencionadas as estratégias a aplicar. E nas respetivas reflexões de aula, para análise do desenvolvimento das atividades e das estratégias escolhidas. No meu diário de bordo, onde diariamente era assinalada informação sobre o desenvolvimento das aulas. A seleção das técnicas de recolha de informação, como nos afirma Luísa Aires é parte integrante do processo de investigação. As técnicas poderão agrupar-se em dois blocos, nas técnicas diretas ou interativas e nas técnicas indiretas. As

técnicas diretas abrangem, não só a recolha através da observação, as entrevistas e também as histórias de vida. A autora caracteriza estas, como o reconhecimento que o investigador faz dos sujeitos da análise, das suas experiências de vida. Nas técnicas indiretas encontram-se, os documentos oficiais, tais como, registos, documentos internos, dossiers, estatutos, registos pessoais, e também outros documentos como, diários, cartas, autobiografias, entre outros. (Aires, 2011)

Com esta recolha de dados pretendo perceber o que esteve implicado na escolha de determinadas estratégias e o resultado obtido a partir da sua aplicação.

6. PRÁTICAS EDUCATIVAS SUPERVISIONADAS

Neste ponto, é apresentada uma breve descrição das propostas desenvolvidas no 1º, 2º e 3º ciclo do ensino básico, tentando clarificar o caminho traçado e a experiências vivenciadas em cada ciclo do ensino básico, trilhado pela exploração e análise das estratégias usadas. Apesar de a análise das estratégias recair só sobre o 3º ciclo, importa fazer um reconhecimento do percurso que foi realizado no 1º e 2º ciclo, pelos conhecimentos que foram adquiridos.

A prática pedagógica desenvolvida no 1º ciclo teve como tema central “Viagem à volta do meu quarto”, foi realizada em par pedagógico.

A elaboração do plano de ação e respetivas planificações de aula tiveram um subtema: “A fantasia”. O plano de ação elaborado antes do início das aulas de estágio tinha o objetivo de estabelecer uma orientação, para a construção das planificações de aula. Um organograma de atividades a serem desenvolvidas por um determinado período de tempo, onde foram traçadas ações específicas e que foram elaboradas tendo em conta um ou mais objetivos. As planificações foram concebidas a partir do plano de ação e para cada aula foi pensado um título, de acordo com a atividade que foi proposta. Para cada aula foi proposta uma atividade diferente, tendo sempre em conta o tema central. As atividades eram curtas, sendo uma atividade por cada aula, mas procurando em cada uma delas o trabalho de projeto.

Durante o estágio desenvolvido no 2º ciclo, foram elaboradas e colocadas em prática duas unidades de trabalho. Os temas trabalhados foram o Natal e o Carnaval, estando estes previstos no plano anual de atividades do grupo de artes visuais.

A primeira unidade de trabalho foi designada como Postal de Natal Pop Up.

Inicialmente foram apresentados aos alunos conceitos e teorias, que posteriormente foram aplicados em trabalhos práticos. Refiro-me à explanação

sobre Módulo Padrão, onde se fez a distinção de padrões naturais e artificiais, a identificação e definição de módulos e de padrões, e por fim a identificação de diferentes tipos de padrões.

Os alunos começaram por criar os seus módulos. A partir dos módulos criaram dois padrões. A seleção foi feita pelos próprios alunos. Para a criação dos módulos e dos padrões foram distribuídas folhas, já com as quadrículas representadas.

Após a criação dos padrões os alunos escolheram um dos padrões, e fizeram a sua representação numa

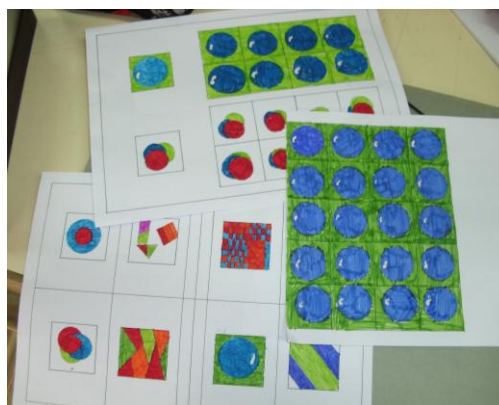


Figura 3 Trabalhos Módulo Padrão de Aluno.

grelha final que posteriormente foi colocada no postal de natal. Os alunos inseriram o padrão no postal de natal que contruíram com a técnica de pop up e ilustraram o seu interior.

A segunda unidade de trabalho teve como tema o Carnaval e consistia em primeiro lugar, criar uma máscara de carnaval e em segundo lugar, em criar a ilustração de um cartaz.

Na disciplina de Educação Visual os alunos construíram o cartaz e na disciplina de Educação Tecnológica criaram a máscara. Para primeira atividade de Educação Tecnológica, foi proposto aos alunos que criassem um rosto a partir de recortes de revistas e jornais, como ponto de partida para a criação da máscara.

Os alunos fizeram um estudo prévio da máscara, já que esta tinha como estrutura base, um prato de papel. Neste estudo os alunos selecionaram os materiais, que iriam utilizar na criação da máscara. Alguns dos materiais selecionados, foram os próprios alunos que trouxeram, o restante material foi por mim cedido.



Figura 4 Exposição dos trabalhos.

Na disciplina de EV foi pedido inicialmente aos alunos que fizessem o estudo da letra para o cartaz. O estudo da letra para o cartaz foi feito a partir de papel quadriculado, com utilização de materiais de pintura. Realizaram também um estudo da letra, com recortes de jornais e revistas.

Por fim, escolheram um tipo de letra, e criaram numa folha de cartolina, que posteriormente inseriram a máscara no cartaz.

Nesta unidade alguns alunos não concluíram o cartaz, daí eu ter optado aliar na exposição dos trabalhos as máscaras que não estavam inseridas no cartaz e os cartazes finalizados.

No estágio do 3º ciclo foram elaboradas duas unidades de trabalho.

A primeira unidade de trabalho consistia na ilustração de uma embalagem.

Inicialmente, foi pedido aos alunos que representassem um elemento natural que deveriam trazer de casa. Para representar os elementos naturais os alunos utilizaram a grafite. Na mesma folha representaram os elementos naturais sobre diferentes perspetivas.

Após a realização de alguns esboços criaram a sua ilustração a partir do elemento representado. Tiveram de identificar a sua função, a que público se dirigia, e criar um nome para o produto.

Na proposta os alunos tiveram à disposição uma série de caixas, com diferentes formatos. Os alunos escolhiam uma caixa e posteriormente mediam a caixa e representavam numa folha A3. Com o modelo de caixa escolhido criavam a sua ilustração.

Na segunda unidade de trabalho, a proposta partiu da obra literária, “O País das Pessoas de Pernas para o Ar”, de Manuel António Pina.

Foi proposto aos alunos que ilustrassem um excerto da obra. Como tal, foi distribuído pelos alunos o texto, e a cada um deles competia a ilustração de parte do texto.

A compreensão e leitura da obra foi feita através do visionamento de um vídeo, que continha o texto na íntegra. No fim da apresentação realizou-se um debate, para compreensão, troca e partilha de ideias sobre o texto.

Para a realização da proposta de trabalho foram distribuídas pelos alunos fotografias impressas em A3, em escala de cinzas. Fotografias que foram por mim tiradas. A fotografia surge como suporte para a criação da ilustração.

Na proposta de trabalho os alunos teriam de ter em conta o excerto do texto, e representar o seu ponto de vista sobre a temática em questão, o mundo visto sobre uma outra perspetiva *-de pernas para o ar*.

Para a realização da proposta os alunos poderiam trabalhar através do recorte, colagem e do desenho. Os alunos tiveram ao seu dispor alguns materiais como, lápis de cera, cola, cartolinas, tecidos, papel crepe, revistas e cartão. A fotografia escolhida em tamanho A3 era colada em cartão, a partir daí os alunos criavam a sua ilustração.

Compreende-se a partir desta análise, as propostas de trabalho desenvolvidas nos três ciclos do Ensino Básico. As propostas surgem como um ponto de partida, para a posterior análise das estratégias utilizadas durante a prática desenvolvida no 3º ciclo do ensino básico.

São expostas estratégias que iniciam as propostas de trabalho, como apresentações e exercício de diagnóstico. Estratégias que conduzem a uma avaliação do trabalho desenvolvido. E outras que veiculam exposição, discussão, e trabalho de grupo.

7. ESTRATÉGIAS DE MOTIVAÇÃO EM EDUCAÇÃO VISUAL- CASO 7º ANO DO ENSINO BÁSICO

A prática educativa supervisionada surge como uma oportunidade de experienciar a lecionação no âmbito da educação artística. Neste sentido, houve a necessidade de assumir um pensamento reflexivo sobre as minhas práticas.

Durante a realização do estágio do 3º ciclo a criação de estratégias de ensino, que levassem à motivação dos alunos em aula, foi de certo modo, uma necessidade. Aquando da realização desta prática educativa supervisionada no 3º ciclo do ensino básico, tive a oportunidade de conhecer o método de trabalho na Escola da Ponte. O conhecimento sobre o modelo de ensino da Escola da Ponte levou-me, de certo modo, a pensar, e repensar certas escolhas das minhas estratégias de ensino.

Como já foi referido a minha prática supervisionada no 3º ciclo do ensino básico, desenvolveu-se na Escola Básica e Secundária do Levante da Maia. A realização do estágio desenvolveu-se num processo de cooperação e corresponsabilidade com o professor titular, com a oportunidade de lecionar algumas aulas.

Foi proposto pelo professor titular o desenvolvimento de duas unidades de trabalho. Segundo Vilar (2005) a “ unidade didática é uma unidade de trabalho, porque contém todos os elementos curriculares [objetivos, conteúdos, atividades, recursos e princípios e métodos de avaliação], articulados à volta de um eixo estruturador⁵ ou conceito incluso de determinada metodologia

⁵ “ ... é o elemento à volta do qual o(a) Docente vai articulando o conjunto dos elementos curriculares, com objetivo de dotar a sua prática de uma intencionalidade inequívoca e com coerência lógica interna.” (Vilar, 2005)

didática.” (Vilar, 2005) A primeira unidade de trabalho passaria pela animação gráfica de uma embalagem, e a segunda pela ilustração de um conto.

7.1. EXERCÍCIO DE DIAGNÓSTICO

Num primeiro momento, como ainda não conhecia os alunos, preferi não introduzir logo a unidade de trabalho. Prossegui, então, com uma proposta de trabalho⁶, com a duração de 15 minutos, que me permitisse conhecer melhor, os interesses e gosto dos alunos. Os 15 minutos revelaram-se insuficientes, já que alguns dos alunos não terminaram. Sugeri aos alunos que refletissem sobre os seus gostos e interesses, e que os representassem numa folha A3, seguindo a ideia defendida por Alberto Sousa de que “Não há desenho em si, como manifestação artística... mas, sim, o desenho como exteriorização da vida interior da criança.” (Sousa, 2003)

Os alunos poderiam recorrer à representação de objetos, revelando através deles um pouco da sua identidade. Estrategicamente, não só, queria atingir os objetivos já mencionados, mas também interrelacionar-me com os alunos, para os poder conhecer. Também estava a criar um ponto de partida, para a introdução da unidade de trabalho. Pude desta forma estabelecer um diálogo inicial com os alunos, perceber como seria vista a minha presença nas suas aulas. Poderia nesta proposta pedir aos alunos para fazerem uma breve apresentação do que tinham representado, mas dado que a turma era constituída por elevado número, opcionalmente não o fiz.

Os dados recolhidos através dos trabalhos dos alunos serviriam também para auxiliar a construção das propostas de trabalho. Estrategicamente havia

⁶ Ver anexo I – Plano da Primeira Aula.

informação nos desenhos dos alunos, que ajudava, por exemplo, a saber se os alunos tinham hábitos de leitura. Isto porque, na segunda unidade iria se realizar uma proposta a partir de um texto. Era necessário entender como poderia expor o texto aos alunos.

7.2. INTRODUÇÃO DA PRIMEIRA UNIDADE DE TRABALHO

As duas primeiras aulas foram de observação. Na segunda aula houve a oportunidade de introduzir a primeira unidade de trabalho⁷, designada como criação e ilustração de embalagem. Esta proposta teve início com a abordagem do conteúdo comunicação através de uma apresentação em PowerPoint⁸ explicativo, expositivo e demonstrativo e que, de algum modo, pudesse despertar a curiosidade dos alunos e revelar o seu entendimento sobre o conteúdo.

Foram apresentadas imagens com legenda, estando estas enquadradas no quotidiano, como por exemplo, sinalética, objetos, cartazes, etc. Durante a apresentação os alunos intervinham com as suas opiniões, já que muitas das imagens eram-lhes familiar. A opção de colocar imagens que abordassem a realidade, surge para obter a participação dos alunos, e não remeter a apresentação para um momento só de exposição. Como conteúdo abordado foi o da comunicação, era pertinente estabelecer um diálogo com os alunos, e perceber de que forma estes analisavam as imagens. Tal procedimento estratégico acontece aquando da procura de respostas, para as questões: explicação de que conteúdo? Que aplicação? Porquê? E como? Estas questões fomentaram o desenvolvimento da unidade de trabalho.

⁷ Ver Anexo II – Planificação da Primeira Unidade de Trabalho.

⁸ Ver Anexo III- Apresentação do Conteúdo Comunicação.

7.3. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DA PROPOSTA DE TRABALHO

A opção por iniciar as unidades a partir da apresentação visual e verbal dos conteúdos a abordar nas propostas de trabalho, com recurso a imagens e a trabalho realizados por artistas plásticos e também por mim. O facto de ter utilizado trabalhos, que foram por mim realizados, suscita uma maior proximidade com os alunos e uma explicação mais concisa do trabalho desenvolvido.

A intencionalidade desta estratégia, também surge para que se criasse uma maior abertura, para a inserção das propostas de trabalho no desenvolvimento das aulas. Antes de iniciarem as propostas de trabalho os alunos tinham um momento, a partir das apresentações, para perceber e compreender o conteúdo a trabalhar. Também podiam retirar as dúvidas sobre o desenvolvimento e o objetivo das propostas de trabalhos. Os alunos poderiam colocar as suas questões, ou comentar com exemplos. Eisner salienta o papel preponderante que podem ter as escolhas de um professor “... o ensino pode ser considerado uma arte. É uma arte ao ser realizado com tal graça e saber que se torna uma experiência estética para o professor e aluno. Há aulas que, devido à atuação do professor, o modo como coordena as atividades, as perguntas que faz, as explicações que dá, constituem uma forma de expressão artística. A atuação do professor dá lugar a sentimentos que descrevemos usando termos normalmente aplicados às artes formais.” (Eisner, 1979)

A proposta de trabalho implicou a recolha de elementos naturais passíveis de serem representados em aula, como por exemplo folhas, pedras, legumes etc. A escolha da representação dos elementos naturais surge da necessidade de criar uma ligação, para que os alunos ilustrassem a embalagem. Aquando, da elaboração da planificação da unidade de trabalho surgem as seguintes questões, como vai começar a proposta de trabalho? Como se vai desenvolver? Com o conhecimento que tinha do trabalho desenvolvido pelos alunos, optei por introduzir o elemento natural, como elemento de ligação, para a ilustração de uma embalagem. Após a realização da representação a grafite do elemento

natural, foi explicado aos alunos, para que servia a representação deste, e como iriam utilizar na proposta de trabalho a desenvolver.

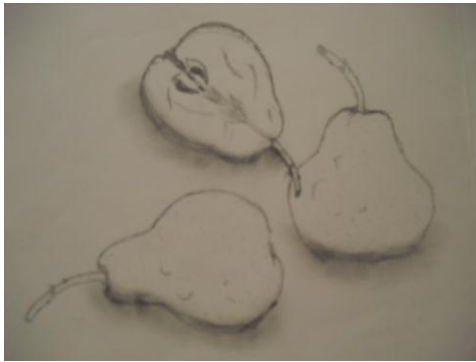


Figura 5 Desenho a Grafite.



Figura 6 Ilustração de Embalagem.

A mensagem que passei aos alunos foi de que, teriam de criar a ilustração da embalagem estabelecendo uma ligação com o elemento representado. Foram colocadas algumas questões aos alunos através de uma ficha em que tinham de mencionar: o elemento natural escolhido, para que serviria a embalagem, a quem se poderia destinar, o nome do produto. Estas questões foram colocadas antes dos alunos começarem a criar a ilustração da embalagem, para que desta forma se criasse um fio condutor entre o elemento representado, e a embalagem. A estratégia de questionamento como salientam Vieira e Vieira, promove a o desenvolvimento de competências como as capacidades de pensamento crítico. (Vieira & Vieira, 2005)

7.4.AVALIAÇÃO COMO INSTRUMENTO

A avaliação surge como um instrumento passível de regulação das aprendizagens desenvolvidas e a desenvolver. Nesse sentido Vilar (2005) afirma que "... a avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, permitindo uma recolha sistemática de informações que, uma vez

analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens”. (Vilar, 2005) Com a evolução da proposta de trabalho houve a necessidade de criar um instrumento, ou meio, que servisse para os alunos exteriorizarem as suas opiniões acerca das aulas. Os alunos tinham uma caixa, com uma pequena abertura onde colocavam no final da aula uma frase, ou uma palavra acerca do trabalho desenvolvido, aspetos positivos ou negativos. Não tinham de colocar o nome mas apenas a data. Em certa medida os alunos sentiam-se motivados para responder, porque se tivessem de colocar o nome, poderiam sentir que estaria a avaliar as suas respostas. No final da unidade a caixa foi aberta, cada um recolheu um comentário e leu para toda a turma. Foi dada a oportunidade aos alunos de lerem um comentário, para que sentissem que o que tinha sido escrito tinha importância. Pelo facto de a caixa só ter sido aberta só no final da aula, não auxiliou o desenvolvimento de cada aula. Poderia ter optado por abrir a caixa no final de cada aula.

Como a caixa só foi aberta no final da unidade, não pude usar os comentários dos alunos para recolher informação, que ajudasse a verificar possíveis falhas sentidas pelos alunos. Por exemplo, um dos alunos disse que gostava de desenhar, mas sentiu muita dificuldade a representar o elemento natural. Outros comentários dos alunos sobre as aulas, exemplo, “ Foi uma aula lúdica” ou “ Gostei da aula pois aprendi muitas coisas.”.

Por outro lado, pude utilizar a informação recolhida para a construção da unidade seguinte, como por exemplo nos comentários em que salientam, as dificuldades que sentiram a desenhar, ou a sugestão de atividades, em que num dos exemplos o aluno responde “ Gostei muito e queria fazer isto mais vezes. Gostava de desenhar este período todo.”

No final da unidade os alunos tiveram a oportunidade para além dos comentários que foram colocando na caixa, de avaliar a unidade de trabalho. Os alunos respondiam numa ficha sobre a proposta de trabalho desenvolvida, em que diziam o que tinham gostado mais e/ou menos gostado, o que aprenderam, e uma apreciação geral da unidade de trabalho.

7.5. APRESENTAÇÃO DA SEGUNDA PROPOSTA E TRABALHO DE GRUPO

A segunda unidade de trabalho consistia na ilustração e composição a partir do texto, “ O país das pessoas de pernas para o ar”.

No início desta unidade surgiu a questão, de que forma poderia ser dado a conhecer o texto aos alunos. Como tal, optei por colocar um vídeo onde os alunos puderam ouvir a leitura integral do texto. A estratégia surge da intencionalidade de criar motivação nos alunos, para o reconhecimento do texto. Os alunos não teriam de estar a ler só o texto, mas poderiam ouvir a leitura do mesmo, visualizando as ilustrações.

Aquando da elaboração da planificação da segunda unidade de trabalho⁹, a par do que tinha acontecido com a primeira, foi criado um ponto de partida para a realização da proposta. Além da ilustração se basear no texto de Manuel António Pina, havia uma fotografia que servia de suporte para a criação da ilustração.

As fotografias a preto e branco foram por mim selecionadas e apresentadas aos alunos.

A seleção das fotos foi realizada por mim.

De três fotos, os alunos escolhiam a fotografia que queriam como suporte. As fotografias de tamanho A3 eram coladas em cartão para se criar alguma resistência. Recorri à fotografia como base da composição. Uma dificuldade sentida que surge pela utilização de uma imagem que não tinha nenhuma ligação com o texto para ilustrar.



Figura 5 Pormenor de uma ilustração de um aluno.

⁹ Ver Anexo IV – Planificação da Segunda Unidade de Trabalho.

7.6. TRABALHO DE GRUPO

Inicialmente perspectivou-se o trabalho de grupo, já que na turma onde estava a realizar o estágio os alunos trabalhavam individualmente. Com a resolução da atividade surge a oportunidade de criar grupos de trabalho, para que, em certa medida, a partilha de material fosse facilitada. Contudo com o desenrolar de duas aulas verifiquei que a motivação dos alunos não dependia somente da resolução da proposta de trabalho, mas também era afetada pela dispersão.

Dando seguimento à proposta os alunos continuaram a sua concretização, havendo a dissolução dos grupos de trabalho. Optei por colocar os alunos a trabalhar individualmente.

Entretanto, foi criado um momento em grupo em que a turma tinha oportunidade de perceber, algumas fases possíveis de trabalho para criação de uma ilustração. Entenda-se, como Vieira e Vieira (2005) afirmam a estratégia discussão assenta na interação oral entre o professor e os alunos na sala de aula, onde se poderá ter o propósito de uma situação-problema, questão ou assunto controverso. A estratégia discussão incide sobre a troca de ideias, participação e aprendizagem ativa de todos. Esta estratégia pressupõe um pequeno grupo de alunos, identificação de um tópico de análise ou problema comum, partilha de ideias e uma interação verbal objetiva. (Vieira & Vieira, 2005)

Considero importante a criação destes momentos em que os alunos podem não só perceber as fases de desenvolvimento de um trabalho, mas podem também dar as suas opiniões. A seguinte estratégia passou pela apresentação de um trabalho realizado por mim, expliquei o processo de trabalho, que iniciava com um estudo prévio de ilustrações, sobre determinado texto e numa fase posterior se chega à criação de ilustrações finais, que resultam numa compilação das mesmas em livro. Os alunos foram colocando as suas questões, sobre como se poderia chegar à finalização da ilustração de um texto, entre outras.

7.7.MÚSICA NO ESPAÇO DE TRABALHO

Numa das aulas, em que os alunos estavam a trabalhar em grupo coloquei música. A estratégia de colocar música na sala de aula surge aquando da visita realizada à Escola da Ponte, e verifico que no decorrer da aula se ouve música. Com a turma de 7ºano em que estava a realizar o estágio, esta estratégia de motivação não mereceu continuidade. Alguns dos alunos demonstravam interesse em ouvir a música, porém alguns colegas estabeleciam conversas que dificultavam ouvir as músicas. A par do que já foi anteriormente mencionado, os alunos ao trabalharem em grupos, não se mantiveram motivados para a realização da proposta de trabalho.

As estratégias foram inseridas e adotadas ao longo da prática supervisionada no 3ºciclo, tendo cada uma delas o seu objetivo específico, procurando também a motivação dos alunos em aula.

Este ponto compreende a análise das estratégias utilizadas num determinado contexto, não querendo aqui afirmar que as estratégias não possam ser usadas em outros contextos, e que não se obtenham resultados distintos.

8. PERSPETIVAS DE TRABALHO FUTURO

A minha experiência enquanto docente revela-se diminuta. As práticas educativas desenvolvidas ajudaram a aprofundar um conhecimento sobre a docência. Apesar de restritas no tempo, as práticas educativas supervisionadas nos três ciclos de ensino, auxiliam uma aquisição de valores, competências e estratégias que nos poderão ser úteis num futuro enquanto docentes, e sobretudo enquanto cidadãos.

Contudo, esses conhecimentos não se tornam estanques no tempo, poderão ser alterados, reformulados e acrescidos. Um professor deverá ter em conta a sua própria aprendizagem, e sempre que necessário reformulá-la e renová-la.

O trabalho aqui descrito, não se remete, para um encontro de soluções para determinadas ações de docência. Através deste trabalho são expostas algumas das estratégias que foram tidas em conta, durante a prática desenvolvida no 3º ciclo do ensino básico, tendo em vista a motivação dos alunos em sala de aula.

Perspetiva-se desta forma a coexistência de estratégias que poderão ser revistas, talvez em outros contextos. Nenhuma das estratégias mencionadas é estanque, sendo estas passíveis de se alterar. Num dos exemplos, será o trabalho de grupo em que, dever-se-á ter em conta o número de grupos, o tipo de trabalho a realizar, e número de alunos por grupo. No que diz respeito à avaliação das aulas, a partir dos comentários dos alunos, estes poderão se ler no final de cada aula, e não só no final da unidade.

9. CONCLUSÃO

O presente relatório surge da reflexão sobre as práticas educativas desenvolvidas nos três estágios.

Como refere Eisner (1979) o ensino é uma arte orientada por uma série de necessidades pessoais, de princípios ou generalidades que o professor acredita serem verdadeiros. O ensino caracteriza-se como arte, quando os professores fundamentam os seus juízos em qualidades inerentes no desenrolar das atividades. As formas de seleção, de organização e de controlo das aulas. O tempo, o tom a usar, o clima, a criação de um espaço para discussão. (Eisner, 1979)

No decorrer das práticas educativas supervisionadas muitas questões se foram levantando. Apesar da minha pouca experiência enquanto docente, pretendo através das práticas educativas, construir uma aprendizagem que me leve a adaptar, ou alterar metodologias consoante as experiências pedagógicas que forem surgindo.

Pretendeu-se, ao longo deste trabalho não só referenciar as atividades desenvolvidas com os alunos, mas também, refletir sobre as estratégias utilizadas tendo em vista a motivação dos alunos em aula.

As práticas educativas supervisionadas desenvolveram-se de forma distinta, para tal contou não só as escolas, o meio em que estas se inseriam, mas também as características da turma e cada aluno.

Um sentimento de relativa distinção, parte do desenvolvimento da prática no 2º ciclo para a prática do 3º ciclo, pela diferença de idade dos alunos, e pelo número de alunos em sala de aula.

Durante a prática educativa no 3º ciclo foram selecionadas estratégias, com um objetivo, porém nem sempre resultaram conforme o planeado.

No início das unidades partiu-se da apresentação, visual e verbal dos conteúdos a abordar nas propostas de trabalho, com recurso a imagens e a trabalho realizados por artistas plásticos e trabalhos pessoais.

A intencionalidade desta estratégia, é que se criasse uma maior abertura para a inserção das propostas de trabalho, como estas se poderiam desenvolver e com que objetivo.

Na opção de colocar os alunos a desenvolver a proposta em grupos, surge na perspectiva de facilitar o auxílio os alunos, e seguir o desenvolvimento das suas propostas. Também fosse mais fácil a partilha do material entre os alunos. A estratégia em questão pareceu apropriada, contudo deixou espaço para confronto de ideias que não tinham ligação com o que estava a ser desenvolvido. O trabalho individual, em que cada aluno trabalha sozinho na sua mesa assumiu-se, como estratégia apropriada.

A relação estabelecida com os alunos resulta estrategicamente num apoio individualizado, e de acompanhamento nas diferentes fases do trabalho proposto. Em certa medida a colocação desta estratégia tem em vista a valoração do trabalho de cada aluno.

A utilização da caixa de cartão surge como, estratégia de avaliação do trabalho desenvolvido. Surge da necessidade de motivar os alunos para exposição crítica do trabalho, que se foi desenvolvendo durante as aulas de forma a encontrar possíveis falhas suscetíveis de serem corrigidas.

Apesar dos planos de aula apresentarem uma sequência, nada é estanque, e durante as mesmas muitas ações ocorrem situações que alteram o que tinha previamente pensado. Como tal, “O ensino é uma arte no sentido em que a atividade do professor não é dominada por receitas ou rotinas mas é influenciada pelas qualidades e contingências que são imprevisíveis.” (Eisner, 1979)

Neste sentido as estratégias poderão ou não ter afetado a motivação dos alunos, para o desenvolvimento das propostas. Mas tal, situação não implica que as estratégias usadas não objetivem outros resultados.

“Pode ensinar-se mal, tal como se pode fazer mal qualquer outra coisa. O ensino pode ser mecânico, rígido, impensado e nada imaginativo. Mas, quando é feito com sensibilidade, inteligência e espírito criador – as qualidades que o levam a uma arte – não deve ser olhado como expressão de talento ou acaso mas como o exercício de um ser humano no mais alto grau da sua inteligência.” (Eisner, 1979)

Enquanto mestranda passei por diversas realidades a nível pedagógico, foi possível constatar que em todas houve a necessidade de criar estratégias de motivação.

Com a possibilidade de vivências pedagógicas, podemos não só ter um conhecimento das diversas situações, mas aprofundar um conhecimento sobre nós próprios. Exercer um papel de reflexão na ação e pós ação, ajuda a reconhecer os nossos próprios limites e capacidades.

BIBLIOGRAFIA

- Abrunhosa, M. A., & Leitão, M. (2003). *Psicologia 12ºano, Psicologia 12 - Parte 2*. Areal Editores.
- Aguilar, L. (s.a.). *Psicologia Educacional - Motivação. nº14676 Informática (Ensino)*. Obtido em 11 de janeiro de 2012, de <http://alunos.di.ubi.pt/~a14676/psicologia/motivacao.pdf>
- Aires, L. (2011). Paradigma Qualitativo e Práticas de investigação Educacional. Universidade Aberta. Obtido de <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/2028>
- Altet, M. (2000). Análise das Práticas dos Professores e das Situações Pedagógicas. (J. Ferreira, & J. Cláudio, Trads.) Porto, Portugal: Porto Editora.
- Arends, R. I. (junho de 2008). Aprender a Ensinar. 7ª. Madrid, Espanha: McGraw-Hill Companies.
- Barbosa, A. M. (2000). ANAIS. (V Congresso Nacional de Arte-Educação na Escola para todos VI Festival Nacional de Arte sem Barreiras). Centro de Convenções de Brasília.
- Berrio, J. R. (1985). *Educacion Comparada*. Madrid: Anaya.
- Bordenave, J. D., & Pereira, A. M. (1985). *Estratégias de Ensino Aprendizagem*. Brasil : Petrópolis.
- Currículo Nacional do Ensino Básico. (s.d.). *Competências Essenciais*. Portugal: Ministério da Educação- Departamento da Educação Básica.
- Deshaies, B. (1997). *Metodologia da investigação em Ciências Humanas*. (L. Baptista, Trad.) Lisboa: Instituto Piaget.
- Eisner, E. (1979). Sobre a Arte de Ensinar. *The educational imagination (on the design and evaluation of school programs)*. (S. University, Ed.) New York: Macmillan publishing Co.
- Freire, P. (2007). *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à Prática Educativa*. Brasil: Paz e Terra.

- Jesus, S. (1996). *Influência do Professor sobre os Alunos. Cadernos Correio Pedagógico*. Porto: Edições ASA.
- Lourenço, A. A., & Paiva, M. O. (15 de Agosto de 2010). *A Motivação Escolar e o Processo de aprendizagem*. (C. & Cognição, Ed.) Obtido de Scribd: <http://pt.scribd.com/doc/36589570/A-motivacao-escolar-e-o-processo-de-aprendizagem>
- Ministério da Educação. (janeiro de 2004). *Organização Curricular e Programas 1ºCiclo do Ensino Básico. 4º*. (D. d. Básica, Ed.) Portugal: Editorial do Ministério da Educação.
- Monteiro, M., & Santos, M. (2001). *Psicologia 12ºano - Psicologia 12- Parte 2*. Porto: Porto Editora.
- Perrenoud, P. (setembro de 1999). *Formar professores em contextos sociais em mudança. Prática reflexiva e participação crítica. XXII Reunião Anual da ANPEd*. (U. d. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Ed., & D. B. Catani, Trad.) Caxambu: Revista Brasileira de Educação.
- Plano de Organização do Ensino- Aprendizagem. (s.d.). *Educação Visual e Tecnológica- 2ºciclo do ensino básico*. Portugal: Ministério da Educação e Ciência.
- Programa de Educação Visual. (s.d.). *Plano de Organização do Ensino- Aprendizagem 3ºciclo do ensino Básico, II*. Portugal: Ministério da Educação-Direção Geral dos Ensinos Básico e Secundário.
- Roldão, M. d. (2009). *Estratégias de Ensino, O saber e o agir do Professor. 2º*, 129. Vila Nova de Gaia, Portugal: Fundação Manuel Leão.
- Sousa, A. B. (2003). *Educação Pela Arte e Artes na Educação. 1 , Bases Psicopedagógicas*. (I. Piaget, Ed.) Horizontes Pedagógicos.
- Sprinthall, N., & Sprinthall , R. (1993). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Vieira, R. M., & Vieira, C. (2005). *Estratégias de Ensino/Aprendizagem* (Instituto Piaget ed.). (H. Pedagógicos, Ed.) Lisboa: Stória Editores,Lda.
- Vilar, A. M. (2005). *Didática: Questões Gerais (textos propedêuticos)*. Porto: Instituto Politécnico do Porto, Escola Superior de Educação.

ÍNDICE DE ANEXOS

I – Plano da Primeira Aula

II – Planificação da Primeira Unidade de Trabalho

III – Apresentação do Conteúdo Comunicação (PowerPoint)

IV – Planificação da Segunda Unidade de Trabalho

| PLANO DE AULA Ano Letivo:2012/2013 | | | |
|---|--|--|--|
| Agrupamento de Escolas do Levante da Maia Escola Básica e Secundária Levante da Maia | | 7ºano Turma: B | 3ºPeríodo |
| DISCIPLINA: Educação Visual | AULA: 1 | Data 11/04/2013 | 13.30 / 14.15 14.15 / 15.00 |
| UNIDADE DE TRABALHO: Criação e Ilustração de Embalagem | ATIVIDADE: Representação de objetos através do desenho e da pintura- Autocaracterizarão. | | |
| TEMA: Comunicação Visual | | | |
| ÁREAS DE EXPLORAÇÃO: Desenho Pintura | Sumário Continuação do trabalho da aula anterior- Professor Titular. Representação de objetos através do desenho, para autocaracterizarão e avaliação diagnóstica. Apresentação em PowerPoint- o conteúdo Comunicação. | | |
| CONTÉUDOS | METAS CURRICULARES Educação Visual | ESTRATÉGIAS | ATIVIDADES A DESENVOLVER |
| <u>Comunicação</u> Elementos Visuais na Comunicação Códigos de Comunicação Visual | <u>Representação R7</u> <u>OBJETIVO GERAL (5):</u> <i>Dominar instrumentos de registo, materiais e técnicas de representação.</i> 5.2: Utilizar corretamente diferentes materiais e técnicas de representação na criação de formas e na procura de soluções (lápiz de cor, marcadores, lápis de cera, pastel de óleo e seco, tinta da china, guache, aguarela, colagem). <u>Projeto P7</u> <u>OBJETIVO GERAL (14):</u> <i>Aplicar princípios básicos do Design na resolução de problemas.</i> 14.1: Distinguir e analisar diversas áreas do design (design comunicação, produto e ambientes). | Pesquisa em livros, manuais escolares, e documentos e na internet; Exposição de imagens para melhor compreensão do conteúdo Comunicação Colocação de questões para encontrar possíveis dificuldades de compreensão e resolução de atividades. | Representação de objetos através do desenho, para autocaracterizarão. Apresentação em PowerPoint em que será abordado o conteúdo Comunicação. |

Desenvolvimento da aula:

Será pedido aos alunos que numa folha A3 dividam a folha em seis quadrículas. Sugerirem aos alunos que reflitam sobre os seus gostos e interesses, e que os representem dentro dessas quadrículas através do desenho. Como tal, poderão recorrer à representação de objetos. Os alunos revelarão assim um pouco da sua identidade através dos objetos representados. O trabalho a realizar permitirá também retirar algumas elações, sobre possíveis dificuldades que os alunos possam ter a nível da pintura e do desenho.

Se o tempo disponibilizado nesta aula assim permitir, será introduzida a nova unidade de trabalho. Como tal será apresentado um PowerPoint explicativo e onde será abordado o conteúdo Comunicação.

| | | | |
|--|--------------|---|---|
| Materiais Papel A3, Lápis de grafite, Borracha, Régua, Marcadores, Lápis de Cor. | | Recursos Computador, Quadro da sala de aula, PowerPoint. | |
| Avaliação | | Instrumentos de avaliação: Registo de observação contínuo e direta. | |
| | Áreas | | Domínios |
| 75% | Cognitiva | | <u>Saber</u> Competências Conceptuais |
| | Metodológica | | <u>Saber fazer</u> Competências Processuais |
| 25% | Atitudinal | <u>Saber ser/ Saber estar</u> Competências Atitudinais | |
| Obs. No Início da aula os alunos terminaram a atividade que estavam a realizar com o professor titular. | | | |
| Carina Coelho ESE.IPP | | | |

| PLANO DE AULA Ano Letivo:2012/2013 | | |
|--|--|---|
| Agrupamento de Escolas do Levante da Maia Escola Básica e Secundária Levante da Maia | 7ºano Turma: B | 3ºPeríodo |
| DISCIPLINA: Educação Visual | Data 11/04/2013 a 16/05/2013 | 13.30 / 14.15 14.15 / 15.00 |
| TEMA: Comunicação Visual | CONTÉUDOS | |
| ÁREAS DE EXPLORAÇÃO: Desenho/ Pintura | <u>Comunicação</u> | |
| UNIDADE DE TRABALHO: Planificação e Ilustração de Embalagem. | <ul style="list-style-type: none"> • Elementos Visuais na Comunicação • Códigos de Comunicação Visual • Papel da Imagem na Comunicação. | |
| METAS CURRICULARES Educação Visual | | ESTRATÉGIAS |
| <p><u>Representação R7</u> OBJETIVO GERAL (5): <i>Dominar instrumentos de registo, materiais e técnicas de representação.</i></p> <p>5.1: Selecionar instrumentos de registo e materiais de suporte em função das características do desenho (papel: textura, capacidade de absorção, gramagem; lápis de grafite: graus de dureza; pincéis). 5.2: Utilizar corretamente diferentes materiais e técnicas de representação na criação de formas e na procura de soluções (lápis de cor, marcadores, lápis de cera, pastel de óleo e seco, tinta da china, guache, aguarela, colagem).</p> <p>OBJETIVO GERAL (8): <i>Dominar tipologias de representação expressiva.</i> 8.2: Representar objetos através da simplificação e estilização das formas.</p> <p><u>Projeto P7</u> OBJETIVO GERAL (14): <i>Aplicar princípios básicos do Design na resolução de problemas.</i> 14.1: Distinguir e analisar diversas áreas do design (design comunicação, produto e ambientes). OBJETIVO GERAL (15): Reconhecer o papel da observação no desenvolvimento do projeto. 15.1: Desenvolver ações orientadas para a observação, que determinam a amplitude da análise e asseguram a compreensão do tema. 15.2: Identificar no âmbito do projeto, componentes e fases do problema em análise.</p> | | <p>Pesquisa em livros, manuais escolares, e documentos e na internet;</p> <p>Exposição de imagens para melhor compreensão dos conteúdos.</p> <p>Colocação de questões para encontrar possíveis dificuldades de compreensão e resolução de atividades.</p> <p>Partilha de opinião sobre as aulas por parte dos alunos.</p> |

ATIVIDADES A DESENVOLVER:

- Representação de objetos através do desenho, para autocaracterização.
- Será pedido que tragam um elemento natural. Os alunos irão representar o elemento.
- Depois de representado o elemento terão de selecionar uma parte que o caracteriza, e criarem um possível Logotipo. Será pedido assim que ilustrem uma embalagem criando uma marca imaginária.
- Essa embalagem servirá para guardar algo, que poderá ser ou não para o elemento escolhido.
- Será realizada apenas a planificação da embalagem, não a construção devido à escuras de tempo.

Materiais

Papel A3, Lápis de grafite, Borracha, Régua, Marcadores, Lápis de Cor, Lápis de Cera.

Recursos

Computador, Quadro da sala de aula, PowerPoint.

Avaliação

| | | | Instrumentos de avaliação: |
|------------|--------------|--|---|
| | Áreas | Domínios | |
| 75% | Cognitiva | <u>Saber</u> Competências Conceptuais | Registo de observação contínuo e direta. Fichas de registo de avaliação. |
| | Metodológica | <u>Saber fazer</u> Competências Processuais | Fichas de autoavaliação. Auto e heteroavaliação do trabalho desenvolvido pelo aluno. |
| 25% | Atitudinal | <u>Saber ser/ Saber estar</u> Competências Atitudinais | |

Obs. Será pedido aos alunos que em todas as aulas deem o seu parecer sobre a aula. Como tal, será colocada uma caixa, para que em todas as aulas os alunos escrevam uma frase ou palavra sobre a aula onde poderão indicar aspetos negativos ou positivos. Não precisarão de idênticar o comentário.

Carina Coelho | ESE.IPP

| PLANIFICAÇÃO DE UNIDADE II Ano Letivo:2012/2013 | | |
|--|---|---|
| Agrupamento de Escolas do Levante da Maia Escola Básica e Secundária Levante da Maia | 7ºano Turma: B | 3ºPeríodo |
| DISCIPLINA: Educação Visual | Data 16/05/2013 a 13/06/2013 | 13.30 / 14.15 14.15 / 15.00 |
| TEMA: <i>"O Ponto de vista da minha Ilustração"</i> | CONTÉUDOS <u>Comunicação</u> <ul style="list-style-type: none"> • Elementos Visuais na Comunicação • Códigos de Comunicação Visual • Papel da Imagem na Comunicação. | |
| ÁREAS DE EXPLORAÇÃO: Desenho/ Pintura | | |
| UNIDADE DE TRABALHO: Ilustração e composição a partir de uma obra literária. | | |
| METAS CURRICULARES Educação Visual | | ESTRATÉGIAS |
| <u>Representação R7</u> OBJETIVO GERAL (5): <i>Dominar instrumentos de registo, materiais e técnicas de representação.</i> 5.1: Selecionar instrumentos de registo e materiais de suporte em função das características do desenho (papel: textura, capacidade de absorção, gramagem; lápis de grafite: graus de dureza; pincéis). 5.2: Utilizar corretamente diferentes materiais e técnicas de representação na criação de formas e na procura de soluções (lápis de cor, marcadores, lápis de cera, pastel de óleo e seco, tinta da china, guache, aguarela, colagem). | | Pesquisa em livros, manuais escolares, e na internet, com objetivo de aprofundar o conhecimento dos alunos sobre o conteúdo a abordar. Exposição de imagens para melhor compreensão dos conteúdos. |
| <u>Projeto P7</u> OBJETIVO GERAL (15): Reconhecer o papel da observação no desenvolvimento do projeto. 15.1: Desenvolver ações orientadas para a observação, que determinam a amplitude da análise e asseguram a compreensão do tema. 15.2: Identificar no âmbito do projeto, componentes e fases do problema em análise. | | Visionamento de vídeos. Colocação de questões para encontrar possíveis dificuldades de compreensão e resolução de atividades. Partilha de opinião sobre as aulas por parte dos alunos. |

ATIVIDADES A DESENVOLVER:

- Análise crítica, a nível emocional e racional, da obra apresentada, “O País das Pessoas de Pernas para o Ar”, de Manuel António Pina - Visionamento de um vídeo. (Que impressão retiram os alunos, sobre o texto, as ideias principais, as personagens que o constituem,...)
- Observação e análise de algumas obras de artistas plásticos: Cristina Alvarenga Marques, Georges Braque.
- Realização de alguns esboços, nos quais deverão estar sugeridos alguns apontamentos retirados da obra analisada, e sobretudo para experimentação de materiais.
- Numa placa de cartão os alunos terão de colocar a fotografia selecionada.
As fotografias serão escolhidas previamente pela mestranda
A fotografia será o suporte para a realização do projeto final. Estas serão entregues em aula, pela mestranda.
No trabalho os alunos terão de ter em conta, qual o seu ponto de vista sobre a temática em questão, o mundo visto sobre uma outra perspetiva-DE PERNAS PARA O AR.
Haverá à disposição dos alunos uma série de materiais para poderem criar a sua ilustração. Como tal, a turma será dividida em grupos para ser mais fácil o uso dos materiais e todos terem acesso a estes. A par da possibilidade de poderem usar a colagem, o desenho, a pintura os alunos poderão ainda inserir texto nas suas ilustrações, se acharem pertinente.
- Os trabalhos serão expostos a toda a comunidade.

| | | | |
|--|--------------|--|---|
| Materiais Papel A3 cavalinho, Papel Kraft, Lápis de grafite, Borracha, Régua, Marcadores, Lápis de Cor, Lápis de Cera, jornais, revistas, tecidos, cola, cartolinas. | | Recursos Computador, Quadro da sala de aula, PowerPoint. | |
| Avaliação | | | Instrumentos de avaliação: Registo de observação contínuo e direta. Fichas de registo de avaliação, em que é tido em conta cada meta a atingirem. Fichas de autoavaliação. Auto e heteroavaliação do trabalho desenvolvido pelo aluno. |
| | Áreas | Domínios | |
| 75% | Cognitiva | <u>Saber</u> Competências Conceptuais | |
| | Metodológica | <u>Saber fazer</u> Competências Processuais | |
| 25% | Atitudinal | <u>Saber ser/ Saber estar</u> Competências Atitudinais | |
| Obs. Será pedido aos alunos que em todas as aulas deem o seu parecer sobre a aula. Como tal, será colocada uma caixa, para que em todas as aulas os alunos escrevam uma frase ou palavra sobre a aula onde poderão indicar aspetos negativos ou positivos. Não será necessário que identifiquem o comentário. | | | |

